

DRAKENHEALM

Nos primórdios dos tempos, antes que as raças mortais sequer sonhassem em moldar o mundo, os Dragões reinavam supremos. A teia do destino era tecida pela própria natureza, entrelaçada com a magia e os segredos insondáveis do cosmos. A origem deste mundo permanece um mistério, mas uma figura se destaca nas lendas: Flammarion, o Dragão-Rei. O primeiro e mais antigo dos dragões, Flammarion é visto como o arquétipo, o Primordial de todos os seus.

Das chamas de seu ser nasceu o que os antigos chamam de "O Fogo Verdadeiro" — um fogo que não apenas queima, mas cria, um fogo alimentado pela força interior e pela paixão inextinguível. Sob seu governo, os Dragões forjaram um reino de ordem e harmonia. A linhagem de Flammarion, sua prole e aliados, era reverenciada acima de todas as outras, não por tirania, mas pela sabedoria e benevolência de seu patriarca.

Eras se passaram, e as terras foram preenchidas por novas raças. Humanos, elfos, anões e outras criaturas emergiram, moldando o mundo com suas próprias mãos e corações. Os dragões, embora ainda poderosos, não eram mais os únicos detentores de influência e domínio. Contudo, Flammarion nunca se deixou levar pela arrogância. Ele via na diversidade um novo tipo de força, um equilíbrio dinâmico que ele acolheu com serenidade.

Mas até mesmo os reinados mais pacíficos podem ser desafiados. No fatídico ano de 3122 D.F., algo aconteceu que mudaria o curso da história para sempre. O pacifismo de Flammarion seria posto à prova, e as chamas que antes apenas criavam teriam que reacender com um novo propósito...

Aurumohr, um dos mais antigos e sábios descendentes da linhagem de Flammarion, via o mundo com olhos inquietos. O avanço das raças não-dracônicas, com sua fome insaciável por poder e domínio, o preocupava profundamente. Os reinos humanos/ non dracs e seus aliados travavam guerras

intermináveis, disputando terras e recursos. As florestas ancestrais eram dizimadas, os rios sagrados contaminados, e as montanhas, outrora silenciosas testemunhas do tempo, eram esventradas em busca de riquezas minerais. Para Aurumohr, a ganância das jovens raças ameaçava o delicado equilíbrio que Flammarion lutara tanto para preservar.

Convocado ao conselho dos dragões ancestrais, Aurumohr apresentou uma proposta rigorosa. “Devemos intervir,” disse ele, com sua voz ecoando como um trovão distante. “Delimitemos os territórios dessas raças inquietas. Exijamos que revertam sua devastação, que cessem suas guerras sem propósito. Que a exploração da natureza dê lugar a um ciclo sustentável, onde a magia e a tecnologia sejam usadas para criar, e não destruir.”

Flammarion ouviu atentamente, seu olhar profundo como o próprio abismo do cosmos. O Dragão-Primordial ponderou por longos momentos antes de responder, sua voz carregada pela sabedoria milenar. “Aurumohr, o curso do mundo não é nosso para comandar. A natureza e o cosmos traçam os caminhos do

destino, e é a eles que devemos lealdade. Nós, dragões, existimos como parte desse ciclo, não como seus mestres.”

Mas Aurumohr não podia aceitar a inércia. Para ele, o futuro estava em risco — não apenas para as jovens raças, mas também para os próprios dragões. Ele via um mundo onde até os céus poderiam ser desafiados, onde as montanhas que abrigavam os dragões poderiam cair sob o peso da ambição mortal. “Se não fizermos nada,” disse ele, “um dia, até nós seremos caçados. O fogo que um dia trouxe vida poderá ser apagado para sempre.”

Ao longo das décadas, os conflitos entre os Non-Dracs tornaram-se cada vez mais devastadores. Reinos se consumiam em guerras intermináveis, e a natureza era explorada até os ossos para alimentar a sede de poder e destruição. Aurumohr, o Fogo Dourado, não podia mais esperar. Com o passar dos anos, ele conseguiu convencer outros dragões ancestrais de sua causa. Aesirion, a Voz dos Relâmpagos, e Rubiantis, a Perdição Ácida, uniram-se a ele, trazendo consigo exércitos de dragões subordinados. Juntos, decidiram que era hora de intervir.

O ano era 3145 D.F. quando os céus do continente se cobriram de sombras dracônicas. Aurumohr, Aesirion e Rubiantis

lideraram a maior força aérea dracônica já vista, voando durante três dias e três noites sobre as terras de Lessex e Moncaster. Os Non-Dracs abaixo olhavam para o céu com medo e assombro; jamais haviam testemunhado algo tão grandioso e aterrorizante.

Quando finalmente chegaram à fronteira entre Lessex, um reino humano próspero, e Moncaster, governado por meio-elfos, encontraram os dois exércitos prontos para a batalha. O choque entre as forças mortais era iminente, mas, antes que o primeiro grito de guerra ecoasse, o céu foi tomado pelos dragões. Aurumohr e seus companheiros ancestrais desceram como tempestades vivas, dizimando as tropas dos dois reinos. Em poucas horas, a planície se transformou em um cemitério de guerreiros, aço retorcido e terra queimada. Poucos sobreviveram, e aqueles que o fizeram levavam cicatrizes físicas e psicológicas pelo resto de suas vidas.

Aurumohr liderou seus exércitos em direção ao reino de Lancaster, cujo rei, atônito com os relatos, ordenou que não atacassem os dragões. Ele sabia que enfrentá-los seria suicídio. Aurumohr pousou diante do trono, transformando-se lentamente em sua forma humanoide, um gesto tanto de diplomacia quanto

de aviso. Com uma voz que reverberava como trovões, ele declarou, falando na língua dos humanos:

“O mundo que conhecem está à beira da destruição. Seus conflitos mesquinhos e sua ganância insaciável estão não apenas devastando a natureza, mas desestabilizando o equilíbrio do cosmos. A magia que sustenta tudo o que existe está enfraquecendo. O massacre que testemunharam em Lessex e Moncaster é apenas o começo. Se não abandonarem seus caminhos destrutivos, os dragões não terão escolha a não ser exterminar todos vocês para preservar o mundo.”

Depois de lançar sua advertência, Aurumohr retornou à sua verdadeira forma e subiu aos céus. Aesirion fez o céu tremer com relâmpagos furiosos, enquanto Rubiantis liberava sua névoa corrosiva ao longe, como um lembrete silencioso do que estava por vir.

Mas a mensagem não foi recebida por todos com o devido peso. Quando os dragões sobrevoaram novamente Lessex, foram recebidos por uma salva desesperada de flechas e feitiços.

Para Aurumohr, isso não era apenas um insulto — era um desafio. Em resposta, os dragões devastaram o reino por

completo. Cidades foram reduzidas a cinzas, e rios de lava e ácido destruíram qualquer traço de civilização. Poucos escaparam para contar a história. Esse evento fatídico ficou conhecido como “*A Ira dos Dragões*”, um nome que ecoaria nas lendas como o dia em que os céus caíram sobre a terra, e o fogo dos ancestrais purificou o mundo.

No Monte dos Dragões, o clima era pesado, como se o próprio ar estivesse carregado de tensão e fogo prestes a explodir. O conselho dos dragões ancestrais, imponentes em suas formas colossais, circundava Aurumohr, Aesirion e Rubiantis. Seus olhares eram julgadores, suas presenças, esmagadoras. O silêncio era quebrado apenas pelo som distante do vento entre as montanhas — até que o céu foi tomado por uma aurora escarlate.

Flammarion, o Fogo Verdadeiro, desceu dos céus como uma tempestade viva. Suas chamas ardiam como o coração de um vulcão, e sua voz ecoou por todo o vale, reverberando nas rochas e nos corações dos dragões presentes.

“Aurumohr!” Flammarion bradou, sua voz cortando o silêncio como uma lâmina flamejante. “Como ousa justificar suas ações com a defesa de nosso povo, quando o que você fez reflete

exatamente aquilo que você despreza? Você trouxe destruição não em nome da ordem, mas da arrogância.”

Aurumohr ergueu sua cabeça sem medo, os olhos brilhando com uma determinação feroz. “Meu lorde,” ele começou, a voz firme como um trovão contido, “nossa prioridade deve ser nossa sobrevivência. Antes que essas raças inferiores surgissem, vivíamos em perfeita harmonia com o mundo. Eles trouxeram apenas caos e destruição. Ofereci-lhes uma escolha, um vislumbre de nosso poder, e ainda assim escolheram nos desafiar. Minha decisão não foi tomada levianamente, mas com o intuito de proteger tudo o que amamos.”

Flammarion estreitou os olhos, seus tons dourados ardendo intensamente. Sua respiração se intensificou, mas ele controlou a raiva, deixando sua postura serena e autoritária dominar. “Você fala de proteção, mas o que você realmente busca é dominação. Nós, dragões, somos parte deste mundo, não seus mestres. O surgimento dos draconatos, nossos descendentes diretos, é a prova de que o cosmos busca unir, não dividir. O equilíbrio não é algo que forçamos, mas algo que guiamos com sabedoria.”

Flammarion então declarou: “Eu, Flammarion, convoco a Ordem dos Draconatos dos Dragões Ancestrais. Eles atuarão como diplomatas e mediadores, buscando reconciliação entre nós e as demais raças. Não aceitarei que nosso legado seja manchado pela tirania e pela violência. O futuro depende da cooperação, não da destruição”.

Aurumohr rugiu em frustração, suas chamas internas queimando com fúria. Ele deu um passo à frente, encarando Flammarion com olhos repletos de revolta. “Diplomacia? Diálogo? Isso é fraqueza, Flammarion! Você perdeu o espírito que nos define como dragões. Somos os governantes naturais deste mundo, e não nos curvaremos às necessidades de vermes mortais. Eles corrompem tudo o que tocam, e você espera que o cosmos simplesmente conserte isso? Não, meu lorde. Eu não permitirei que o destino de nossa espécie seja jogado ao acaso.”

Aurumohr então se virou para os outros dragões ancestrais, sua voz crescendo com intensidade. “Vocês, que presenciaram as eras passadas, sabem do que falo! Eles multiplicam suas desgraças, espalham suas guerras e destroem o equilíbrio que sustentamos por milênios. Aesirion e Rubiantis estão comigo.

Quem mais terá coragem de lutar pelo que é nosso? Quem mais vai se erguer contra o colapso inevitável deste mundo?”

O conselho ficou em silêncio, dividido entre lealdade ao Dragão Primordial e o fervor revolucionário de Aurumohr. Os ventos no Monte dos Dragões se intensificaram, carregando as faíscas das chamas ancestrais. A decisão que seria tomada naquele momento moldaria o destino não só dos dragões, mas de todo o mundo.

O ar no Monte dos Dragões tornou-se denso, carregado de tensão e incerteza. Flammarion permaneceu firme, sua aura flamejante brilhando menos intensamente, refletindo o peso de sua tristeza. Ele respirou fundo, sua voz agora serena, mas carregada de uma gravidade que ecoava nas profundezas do vale.

“Vocês escolheram seu caminho,” declarou Flammarion, seus olhos cintilando com uma luz que parecia atravessar eras. “Mas saibam disto: o que hoje acreditam ser força, amanhã poderá ser sua ruína. A verdadeira sabedoria não está em destruir para dominar, mas em preservar para prosperar.”

Os murmúrios entre os dragões restantes cresceram em intensidade. Os mais jovens olhavam para os mais velhos em busca

de orientação, mas até mesmo os ancestrais pareciam hesitar. A voz de Flammarion continuou, cortando através das dúvidas:

“Eu vi eras nascerem e morrerem, mundos se formarem e se desfazerem. Quando o cosmos sussurra, eu ouço. Quando a natureza grita, eu respondo. Agora, vejo em seus olhos o mesmo orgulho que cegou tantas raças antes de nós. Ouçam-me enquanto ainda podem: o caminho de Aurumohr levará à guerra entre irmãos e à destruição de tudo o que juramos proteger.”

Um silêncio sepulcral tomou conta. Então, um dos mais antigos dragões do conselho, Valthyros, conhecido como o Guardião da Chama Etérea, ergueu sua voz. “Flammarion tem guiado nosso destino desde os primórdios,” ele disse, com um tom respeitoso, mas cauteloso. “Mas há verdade nas palavras de Aurumohr. O mundo está mudando, e talvez devamos mudar com ele.”

Essa declaração abriu caminho para a decisão final. Dos doze membros do Conselho Ancestral, cinco, liderados por Aurumohr, moveram-se em sua direção, simbolizando sua aliança. Aesirion e Rubiantis se aproximaram do Fogo Dourado com olhares determinados, enquanto os outros cinco permaneceram

ao lado de Flammarion, suas expressões revelando um misto de lealdade e dúvida.

Aurumohr, agora imponente em sua nova posição, inclinou a cabeça ligeiramente, um gesto de respeito final ao Primordial. “Não venho declarar guerra contra você, Flammarion, mas o farei se ficar em meu caminho, pois também tenho os meus parabéns proteger” ele disse com firmeza. “A sua inação é uma sentença para todos nós. Eu escolhi agir. Você verá que às vezes, o fogo precisa consumir para purificar”.

Flammarion respondeu com um suspiro pesado, seu olhar percorrendo cada um dos dragões que haviam escolhido partir. “Então vá, Aurumohr. Que o cosmos julgue nossas ações. Mas saiba disto: o arrependimento virá como uma tempestade quando os ventos mudarem, e a destruição que você busca evitar talvez seja aquela que você mesmo traz.”

Com um rugido uníssono, os dragões dissidentes abriram suas asas e tomaram os céus, voando em direção ao desconhecido. As sombras de suas formas imensas desapareceram no horizonte, mas suas presenças deixaram um vazio no coração do conselho.

Os dragões restantes ainda estavam em conflito interno. Valthyros rompeu o silêncio mais uma vez. “Flammarion, o que faremos se as ações de Aurumohr trouxerem o caos que você prevê?”

O Dragão Primordial fechou os olhos por um momento, como se consultasse as profundezas do cosmos. Quando os abriu novamente, havia uma resolução inabalável em sua voz. “Nos prepararemos. Chamaremos os Draconatos e todas as raças que ainda acreditam no equilíbrio. E se a guerra vier até nós, lutaremos não por supremacia, mas pela sobrevivência de todos os seres deste mundo.”